

País volta a negociar em agosto

Washington (Armando Ourique) — O Ministro da Fazenda, Ernane Galvês, afirmou que o Brasil deverá iniciar em agosto a terceira rodada de negociações com os bancos privados e o FMI para reescalonar as amortizações da dívida e obter novos créditos para cobrir parte dos 15 bilhões de dólares em juros que estarão vencendo em 1985.

Galvês disse que Paulo Maluf, Mário Andreazza e Aureliano Chaves, candidatos à presidência, provavelmente não conseguiriam concretizar suas diversas propostas inovadoras para a renegociação da dívida. Ao ser lembrado sobre diferentes declarações em favor de negociações de governo a governo, Galvês declarou ser “preciso considerar que são manifestações de candidatos. Eles talvez vão fazer as mesmas coisas que estamos fazendo. Poderão conseguir condições um pouco melhores, inclusive porque estamos pavimentando o caminho para isso, e ficarei feliz se de fato as conseguirem”, disse Galvês.

O Governo havia informado que as negociações sobre 1985 teriam início em maio, mas o Ministro da Fazenda disse que preferia aguardar os acordos da Argentina e de outros países, que deverão ser concluídos nos próximos meses, para iniciar as negociações brasileiras “em torno de agosto”.

Galvês afirmou que o Brasil vai pleitear termos “em condições iguais ou melhores” do que forem obtidas pela Argentina. Acha que vai obter condições melhores, acrescentando que o segundo acordo negociado pelo Brasil foi mais favorável que o primeiro.

Galvês reconheceu que, durante os períodos de transição de governo no México (em 1982) e na Argentina (em 1983), as negociações se prolongaram até após a posse dos Presidentes eleitos. Apesar disso, considera que a transição no Brasil “não vai atrasar as negociações”. Achou legítima uma indagação sobre a presença de observadores do futuro governo nas discussões. Descartou, entretanto, a possibilidade de isso ocor-

rer em agosto, observando que, nesse mês, nem as convenções dos Partidos terão sido realizadas.

O Ministro da Fazenda disse que as negociações poderão ser alongadas “se (o Brasil) quiser fazer grandes inovações em sistemática ou metodologia” em relação à negociação. Mas afirmou que nada poderia antecipar, porque era preciso aguardar o mês de agosto para analisar os acordos que estão sendo concluídos com outros países. “Não antecipo nem se vamos negociar (a amortização) de um, dois ou três anos”, disse.

O que o Governo imagina

Galvês disse que o Governo, em sua estratégia de negociações econômicas internacionais, pressupõe que a economia americana continuará em recuperação, permitindo um aumento da poupança nacional que, eventualmente, anulará o déficit orçamentário dos EUA e reduzirá as taxas de juros.

Afirmou que o cenário prevê o restabelecimento de equilíbrio da economia internacional, e que possibilita o ajustamento da economia brasileira e o cumprimento do serviço da dívida. Nessa perspectiva, cabe ao Brasil buscar uma distribuição mais justa com os países desenvolvidos dos ônus de ajustamento, lutando contra o protecionismo e as altas taxas de juros.

O Ministro da Fazenda considerou “pura utopia” a expectativa de uma mudança qualitativa nos termos de negociações da dívida, através de algum mecanismo em que instituições internacionais ficariam encarregadas de fazer pagamentos aos bancos, permitindo aos países endividados alguns anos de carência sobre o pagamento de amortizações e juros. “Esse processo não dá saltos”, afirmou. “Quando chegasse a amadurecer uma idéia dessas, o problema já estaria resolvido. Já vimos, em outras negociações, que água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, concluiu o Ministro, sugerindo que a atual estratégia de conseguir melhorias gradativas nas negociações internacionais terá êxito.